

# AS DINÂMICAS SIMBÓLICAS NA CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO DE INDEPENDÊNCIA MEXICANA

THE SYMBOLOC DYNAMICS IN THE CONSTRUCTION OF MEXICAN INDEPENDENCE MOVEMENT

Laís Olivato<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo se dispõe a analisar a construção do imaginário político formado pelos rebeldes durante o movimento de independência no México liderado por Hidalgo e, posteriormente, por Morelos, entre os anos de 1810 e 1814. Os periódicos insurgentes publicados neste período, assim como as cartas trocadas entre as lideranças políticas e seus generais, atestam que a utilização de símbolos religiosos foram cruciais para a mobilização dos camponeses na luta pela defesa da pátria. Contudo, os mediadores culturais deste diálogo eram homens formados na Ilustração que fizeram parte da construção de novos espaços de sociabilidade nos centros urbanos da Nova Espanha na passagem do século XVIII para o XIX.

**PALAVRAS-CHAVE:** Independência do México, Hidalgo, Morelos, *Guadalupanos*

No dia 18 de setembro de 2010, em ocasião das festividades pela comemoração do Bicentenário de Independência Mexicana, o atual presidente do México, Felipe Calderón declarou que:

O ano de 2010 será, sem dúvidas, tempo de júbilo e alegria. Em cada lugar, em cada escola, em cada bairro ou praça pública, viveremos intensamente o orgulho de ser mexicano, o orgulho de prover desse nosso passado rico em complexidade, dramatismo e glória, porém celebraremos também o orgulho de nosso futuro.

Um orgulho que construiremos juntos, com a firme determinação de engrandecer cada dia nossa Pátria, como foi o ideal de nossos libertadores; porque finalmente a Pátria é de todos, a Pátria é para todos<sup>2</sup>.

**ABSTRACT:** This article is going to analyze the construction of an politic imaginary formed by the rebels during the independence mexican movement between 1810 and 1814. The rebels newspapers published in these period, just like the letters from the politics leaderships and his generals, proved that they used symbols religious for mobilize an peasant fight for defeat the Nation. But the cultural mediator from the dialog were men formed in the Illustration who made part on the construction of new sociability spaces in urban centers in New Spain between the centuries XVIII and XIX.

**KEYWORDS:** Mexican Independence, Hidalgo, Morelos, *Guadalupanos*

O discurso de Calderón evidencia um imaginário social sobre a independência que percorre o México até os dias de hoje, além de fazer parte da idealização sobre a construção da identidade nacional de seu povo. O fato de não representar apenas a separação com a Espanha, mas também o momento fundador da Pátria, é recuperado constantemente pelo discurso político. Em decorrência das festividades oficiais do governo e da relevância do tema para os mexicanos, o número de publicações acadêmicas, ou não, sobre o movimento iniciado em 1810 aumentou significativamente. Muitos historiadores têm se debruçado sobre a tarefa de reinterpretar esse passado, seja criticamente, ou para torná-lo mais heróico.

A insurgência iniciada há duzentos anos pelo Padre Miguel Hidalgo de Costilla e,

<sup>1</sup>Mestranda no programa de História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gabriela Pellegrino Soares. Estuda o movimento de independência mexicana. E-mail laisolivato@yahoo.com.br

<sup>2</sup>O discurso presidencial está disponível na íntegra no sítio

[http://www.bicentenario.gob.mx/index.php?catid=68:arco-bicentenario&id=259:discurso-del-presidente-felipe-calderon-hinojosa&option=com\\_content&view=article](http://www.bicentenario.gob.mx/index.php?catid=68:arco-bicentenario&id=259:discurso-del-presidente-felipe-calderon-hinojosa&option=com_content&view=article) acessado em novembro de 2010.

posteriormente, continuada pelo Padre José Maria Morelos y Pavón e Ignacio López Rayón, foi permeada pela construção de um espaço público e de uma nova consciência política que merecem destaque. Muito dos relatos insurgentes evidenciam que o diálogo entre *criollos* e indígenas passavam pela discussão das relações entre política e religião num momento de disputa pelo poder.

O mesmo contexto foi crucial para o desenvolvimento político dos setores populares. Além de uma participação ativa no processo emancipacionista, houve uma nova construção discursiva que passava pela natureza política da população. Aqui, podemos observar que o iluminismo moderno da passagem dos séculos XVIII e XIX se chocou com antigas tradições coloniais advindas do amálgama de tradições do Império Asteca e da Coroa Espanhola. Essa simbiose, aparentemente paradoxal, aparece em harmonia nas fontes documentais.

O movimento de independência se apresenta para o historiador como um tema inesgotável. Desde o século XIX, as pesquisas historiográficas abordaram seus diferentes aspectos à luz de seus respectivos contextos e interesses políticos. Mas, considero que é necessário investigar mais sobre a construção deste novo espaço público durante o movimento para compreender o ponto de encontro do discurso promovido por *criollos* na mediação com os setores populares que só pôde ser estabelecido pela utilização de uma cultura política arraigada em símbolos religiosos capazes de fomentar a mobilização social.

Nos últimos anos, os estudos sobre populações indígenas nas Américas têm se desenvolvido numa perspectiva histórico-antropológica que tende a valorizar os índios como sujeitos ativos dos processos históricos nos quais se inserem<sup>3</sup>. Assim, ao longo do artigo, pretendo explorar a atuação da população como protagonistas das mudanças sociais. Para tanto, é necessário traçar um quadro panorâmico sobre como os mestiços e indígenas se integraram ao movimento inicialmente liderado por Hidalgo.

Quando em 1808, Napoleão Bonaparte aprisionou Fernando VII e colocou a Espanha sob os domínios de José Bonaparte, o movimento civil de resistência peninsular organizou uma Junta Suprema na qual se reuniam os representantes do Império Espanhol na ilha de León, em frente à Cádiz. O objetivo era formar um governo paralelo que se mantivesse fiel ao rei cativo. No momento em que as notícias chegaram a Cidade do México, capital do vice-reinado da Nova Espanha, o vice-rei José de Iturrigay passou a conviver com uma crise política que se arrastou por toda a Ibero-América.

Nas reuniões, tertúlias e textos publicados a partir de 1808 tanto na metrópole quanto nas colônias, o tema central era o desaparecimento do rei espanhol. A discussão foi dividida entre aqueles que acreditavam que a soberania tinha sido dividida com o povo e, portanto, era necessário convocar uma Junta Local em todas as províncias americanas e aqueles que acreditavam que quem governava era a península e a Nova Espanha deveria continuar a obedecer às decisões da metrópole organizada em Cádiz.

Para apoiar os *criollos* que defendiam a soberania local, o vice-rei José Iturrigay facilitou a formação de uma junta com os principais representantes do reino. Contudo, os defensores do poder peninsular organizaram um golpe e assassinaram os principais líderes da Junta da Nova Espanha, Francisco Primo de Verdad e Frei Melchor de Talamantes. Os espanhóis que habitavam a Nova Espanha<sup>4</sup> consumaram o golpe de Estado nomeando Pedro de Garibay o novo vice-rei. Em agradecimento, Garibay tirou alguns dos impostos que incomodavam os guachupines.

Em meados de 1809, o arcebispo Francisco Xavier Lizana substituiu Pedro de Garibay e passou a reconcentrar esforços para aumentar a cobrança de impostos e enviar fundos à Cádiz. Foi durante seu vice-reinado que ocorreu a primeira conspiração pela independência e em defesa dos habitantes da Nova Espanha em Valladolid organizada pelos *criollos*. Aprisionados facilmente pelas tropas vice-reais, os líderes da primeira conspiração, José Maria

<sup>3</sup>“Avanços recentes nos estudos etno-históricos, no entanto, vêm minando estas perspectivas arraigadas desde há muito introduzindo uma nova conjunção entre pesquisa documental e perspectivas antropológicas para produzir um renovado retrato das respostas ativas e criativas dos atores indígenas que, apesar de todas as forças contrárias, conseguiram forjar espaços significativos na história colonial, de modo que não é mais admissível omiti-los do registro histórico.” Cf: MONTEIRO, John. Unidade, diversidade e a invenção dos índios: entre Gabriel Soares de Souza e Francisco Adolfo de Varnhagen. In: **Revista História**, 149 (2º - 2003), p. 109-137.

<sup>4</sup>Segundo os documentos do século XIX, os espanhóis que habitam a Nova Espanha são denominados gachupines.

Obeso e José Mariano Michelena, não puderam participar do processo continuado por um dos membros da conspiração Ignacio Allende em San Miguel el Grande.

Enquanto se formavam novas conspirações pela soberania local na América, em Cádiz, a Junta Suprema Nacional prosseguia a guerra contra os franceses com apoio britânico. Ao concordar com as medidas violentas dos espanhóis nas batalhas, a Junta perdia cada vez mais o respaldo das forças autonomistas. Para ganhar mais adeptos, a resistência espanhola passou a reconhecer a igualdade entre os povos americanos perante a metrópole, e nomeou uma regência que convocou Cortes. As eleições convocadas para nomear os representantes das Cortes de Cádiz elegeram 17 representantes da Nova Espanha.

Contudo, as conspirações na Nova Espanha ganhavam cada vez mais forma. Nas redondezas de Querétaro, o *criollo* Don Miguel Dominguez e sua esposa reuniram em sua casa, sob o pretexto de discutir tertúlias literárias, homens ilustrados que articulavam uma guerra contra o vicerreinado. Oficiais como Ignacio Allende, Juan Adalma, o padre José María Sanchez e mais uma dezena de indivíduos sobre os quais se encontrava também Miguel Hidalgo, o padre de Dolores e ex-reitor do Colégio de San Nicolás em Valladolid, planejavam iniciar a revolução no final do mês de dezembro de 1810.

Antes que pudessem concluir os planos de ação para a luta armada, a conspiração liderada por Allende foi denunciada. Imediatamente o intendente de Guanajuato, José Antonio de Riaño, ordenou que se fizessem as detenções. Juan Adalma e Ignacio Allende conseguiram fugir para Dolores onde se reuniram com o Padre Hidalgo em 15 de setembro de 1810. Decidiram adiantar os planos de insurreição e, aproveitando que era domingo, o cura local, em lugar de missa, incitou seus fiéis a empreender uma luta contra o governo vigente. A resposta foi imediata. Camponeses, trabalhadores domésticos, mineiros entre outros, se apresentaram com instrumentos e armas de luta se as tivessem.

Hidalgo havia tomado contato com as ideias ilustradas europeias durante sua trajetória acadêmica como reitor do Colégio de San Nicolás e, no momento da insurgência, fez uma releitura da

realidade social da Nova Espanha no início do século XIX. Com o apoio financeiro de um grupo político formado por profissionais liberais ilustrados, conduziu uma massa indígena camponesa que se rebelou contra o vice-rei. Seu discurso popular e heterogêneo, objeto desta investigação, foi carregado de símbolos e mensagens polivalentes que traziam à tona a tradição mítica pré-colonial e traços do catolicismo espanhol, aliados com anseios de liberdade, direitos civis e soberania popular, típicos da Ilustração.

Segundo a tradição, conforme relatou Lucas Alamán<sup>5</sup>, o grito de guerra que lançou Hidalgo na paróquia de Dolores foi “Viva Fernando VII! Viva a religião! Viva a Virgem de Guadalupe! Morram os guachupines!”.

Miguel Hidalgo é conhecido pela historiografia mexicana como o *cura ilustrado* conforme podemos observar em sua trajetória pessoal. Estudou com os jesuítas desde os 12 anos de idade. Com a expulsão dos mesmos em 1767, o padre se dedicou à teologia, à filosofia e às artes em Valladolid. Foi um estudante de destaque que aprendeu latim, francês, italiano, nahuatl, otomi e tarasco, línguas da população indígena. Aos vinte e cinco anos, foi nomeado sacerdote e, com trinta e nove, tornou-se reitor do mesmo colégio. Destacou-se no estudo das teorias liberais que estavam em discussão na Europa ao final do século XVIII. Devido às pressões da alta hierarquia eclesiástica, foi nomeado pároco na cidade de Dolores no interior do estado de Guanajuato. Nessa cidade, o padre cuidou da instrução dos indígenas camponeses e mineradores que depois iria guiar na luta contra o domínio do vice-rei.

San Miguel el Grande foi ocupada logo após o grito de Dolores, e, no dia 21 essa multidão liderada por Hidalgo estava em Celaya nomeando-o seu *Generalísimo* e Allende, tenente-general. No santuário de Atotonilco, o padre deu ao exército sua primeira bandeira: uma imagem da Virgem de Guadalupe. Doze dias depois de iniciada a marcha, os insurgentes estavam nas portas de Guanajuato, uma das cidades mais ricas da Nova Espanha, e Hidalgo exigiu a redenção do intendente Riaño. Este buscou asilo ao lado dos guachupines e resistiu a tentativa de ocupação dos insurgentes. Em resposta, a multidão comandada pelo generalísimo

<sup>5</sup>Lucas Alamán (1792-1853) foi um renomado intelectual mexicano que reescreveu a história mexicana após a Independência. Em 1850 publicou “Historia de México”.

invadiu e saqueou a cidade por dois dias. Fato que passou a gerar grande temor dos *criollos* que permaneceram fiéis à Coroa.

Rapidamente, por todo o território da Nova Espanha surgiram novos levantamentos. José María Morelos, padre de Carácuaro, ex-aluno de Hidalgo, apresentou-se e recebeu a tarefa de tomar Acapulco. José Antonio Torres começou a vencer tropas do intendente de Guadalajara. As propriedades de espanhóis americanos e peninsulares começaram a sofrer constantes saques.

O bispo de Valladolid Abad y Queipo, que outrora havia se identificado com os problemas sociais e com a causa de seu amigo Hidalgo, não hesitou em excomulgá-lo. Quando as tropas atingiram a cidade com aproximadamente 80 mil revoltosos, o bispo anunciou sua decisão ao pároco e facilmente rendeu os habitantes de Valladolid para evitar um massacre.

O contexto socioeconômico dos anos de movimento armado foi marcado por secas, colheitas perdidas e aumento nos preços dos grãos. As regiões mais afetadas pelo desemprego e pela fome se localizavam no centro da Nova Espanha. Vale destacar que a maior parte dos integrantes do movimento não eram dirigentes políticos, nem ideólogos ilustrados, mas sim camponeses e mineradores com planos e ideias políticas próprias muitas vezes difíceis de serem especificadas. Muitos decidiram por vontade própria se rebelar contra o poder colonial e a opressão. Se por acaso, eram capturados pelo Exército Oficial poderiam ser executados, açoitados, encarcerados ou condenados a trabalhos forçados. Contudo, mesmo com as dificuldades, julgavam ser úteis à causa da rebelião.

Com o fracasso da administração de Pedro de Garibay, o vice-rei Venegas iniciou a organização da defesa. Don Félix María Calleja recebeu ordens de avançar para a Capital sob a proteção da imagem da Virgem de Remédios para proteger a tropa oficial contra a multidão de Hidalgo guiada pela imagem da Virgem de Guadalupe. Toda aquela multidão heterogênea onde os uniformes se perdiam entre trajes de rancheiros, índios, mestiços e até alguns espanhóis, se encontrou frente a mil soldados realistas no dia 30 de outubro em *Monte de las Cruces*. Foi a maior vitória dos insurgentes. Contudo, a cidade se recolheu. Muitos insurgentes desertaram em poucos dias e o exército rebelde dissipado enfrentou uma grande derrota em Acapulco. Allende marchou rumo a Guanajuato para buscar

mais apoio e Hidalgo foi até Guadalajara.

A cidade do ocidente recebeu com entusiasmo o *Generalísimo*. Hidalgo planejou estender o movimento com a ajuda do padre José María Mercado para tomar Tepic e San Blas e Don José María González para rebelar as províncias internas do ocidente.

Os recursos econômicos da região deram mais segurança a Hidalgo. Começou a planejar um novo governo e a editar o jornal *El Despertador Americano*. Em 29 de novembro decretou o fim da escravidão e do tributo indígena. No dia 5 de dezembro declarou de uso exclusivo dos indígenas as terras da comunidade. Também autorizou a execução de espanhóis prisioneiros.

Enquanto as tropas de Calleja se reorganizavam para atacar Guadalajara, Allende se apressou em reunir o exército insurgente para proteger o *Generalísimo*. No dia 17 de janeiro de 1811, cinco mil soldados disciplinados do exército realista enfrentaram noventa mil rebeldes provocando a sua total dispersão na batalha de Puente de Calderón.

Os chefes iniciaram sua fuga para noroeste e em Saltillo decidiu-se que Ignacio Lopez y Rayón continuaria a luta iniciada por Hidalgo. Apreendidos, Ignacio Allende e Miguel Hidalgo foram fuzilados em julho de 1811.

Mas, o triunfo sobre Hidalgo não significou a restauração da ordem em território da Nova Espanha. Os movimentos de conspiração continuaram a existir em todo o país. Rayón cumpriu a missão que lhe foi delegada e em agosto de 1811 instalou a Junta Suprema Gubernativa de América em Zitácuaro da qual José Maria Morelos seria encarregado da administração.

Muitos letrados perseguidos se refugiaram para o novo exército contribuindo para a organização política do novo movimento iniciado após a morte de Hidalgo. No dia 14 de setembro de 1813, Morelos apresentou na abertura do Congresso de Chilpancingo seu texto *Sentimientos de la Nación* que sintetizava seu ideário político. Começava afirmando que “a América é livre e independente da Espanha e de qualquer outra nação”, e que “a soberania emana imediatamente do povo e é depositada em seus representantes” O Congresso publicou no dia 6 de dezembro a declaração da independência e Morelos foi nomeado para o poder executivo intitulado de “servo da nação”.

Porém, Calleja, que havia assumido o papel de Chefe Político da Nova Espanha (com a Constituição de 1812, o papel do vice-rei havia sido extinto) começou a empreender cada vez mais golpes contra o movimento insurgente. Recuperou Acapulco e limitou a atuação militar de Morelos. Em junho de 1814, Calleja recebe reforços peninsulares e consegue retomar o poder absoluto no território da Nova Espanha.

No dia 5 de novembro de 1815, Morelos foi capturado e feito prisioneiro pelo tribunal da Inquisição no México. Submetido a julgamento inquisitorial e eclesiástico, o padre foi fuzilado no dia 22 de dezembro em San Cristóbal Ecatepec.

### Os periódicos insurgentes e a politização da Nova Espanha

No início do século XIX, os centros urbanos se politizaram. Por conta das reformas bourbonicas, muitos *criollos* perderam espaço na participação política, e começaram a buscar alternativas que lhes permitissem um maior acesso à tomada de decisões na Nova Espanha.

Em contato com novas ideias vindas da Ilustração, os *criollos* formaram organizações clandestinas que representaram uma nova forma de fazer política na hispano-americana. Primeiro, porque permitia a ação conjunta de diversos indivíduos de diferentes origens sociais e, segundo, formaram novos espaços públicos que, após a independência, se tornaram fundamentais na tomada de decisões do país. A formulação de seus discursos era articulada a partir de três eixos primordiais: o sincretismo religioso do culto guadalupano, a exaltação do passado pré-hispânico e a natureza política fundada nas ideias da Ilustração.

Para conseguirem adesão popular e ampliar sua esfera política de atuação, esses movimentos

utilizaram os impressos. Enquanto no período colonial a palavra impressa circulava por meio de livros, no início do século XIX, a quantidade de impressos em outro formato se multiplicou, mas agora na forma de panfletos e periódicos. Por se constituírem num recurso de fácil e rápida circulação entre a população, foram um importante mecanismo de propagação dos novos ideais políticos<sup>6</sup>. Para a historiadora Rosalba Cruz Soto<sup>7</sup>, uma consequência dos acontecimentos de 1808 foi a politização de novas camadas sociais na Nova Espanha, com tudo o que isto envolve: a crítica, a análise e a necessidade de ter uma voz para a participação política<sup>8</sup>. A conjuntura da multiplicação dos periódicos faz parte da expressão de uma nova opinião pública em ascensão.

No contexto da guerra pela independência, os periódicos, que trabalharam para o movimento, foram utilizados como meio de propagação das ideias dos insurgentes e, também, como forma de indicar o avanço territorial do exército rebelde. Essa imprensa foi patrocinada por um desses novos grupos políticos que se formava. Chamados de *guadalupanos*, da Cidade do México esses homens ilustrados enviavam dinheiro e material para as publicações ocorridas nas cidades recém-conquistadas. Os editores desses impressos eram padres ou profissionais liberais que se juntaram ao movimento iniciado por Hidalgo com o objetivo de difundi-lo. A partir desse momento, ficou evidente qual seria a relação estabelecida entre a nova cultura política formada na Cidade do México e o intermédio feito por editores e padres que divulgariam essas ideias no campo para o exército popular insurgente.

Conforme apontam alguns relatos, ao saber da tomada da cidade de Guadalajara, o Pe. Francisco Severo Maldonado, republicano e ilustrado<sup>9</sup>, se encontrou com o Pe. Miguel Hidalgo e propôs a publicação de um jornal. O primeiro dos jornais insurgentes teve sete exemplares com uma

<sup>6</sup>Conforme a historiadora Dorothy Frank de Estrada, "No início do século XIX, surgiram outras motivações cívicas ou políticas, para que o povo aprendesse a ler. Segundo a Constituição de Cádiz de 1812, o exercício do direito de votar estaria reservado para os cidadãos que soubessem ler e escrever. Por outro lado, o aumento do número de periódicos políticos, serviu como estímulo para que o público se informasse sobre a guerra e acerca das possíveis maneiras de constituir um novo governo." (In: ESTRADA, Dorothy Frank de. La enseñanza de la lectura en la Nueva España, 1700-1821. In: **História de la lectura en México**- Seminario de Historia de la Educación en México. El Colegio de México, Centro de Estudios Históricos, 2000, p. 50).

<sup>7</sup>CRUZ SOTO, E. Rosalba *El movimiento de independencia y la prensa novohispana* In: [www.bicentenario.org.mx/modules.php?name=Paginas&file=album&aid=59](http://www.bicentenario.org.mx/modules.php?name=Paginas&file=album&aid=59) acessado em 19 de novembro de 2007

<sup>8</sup>Segundo Darnton, o povo se torna politizado a partir do contato com os conflitos de poder. In: DARNTON, Robert. **Os best-seller proibidos da França pré-revolucionária**. trad. Hidegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 204

tiragem de dois mil exemplares no total com o formato de dezoito páginas de 22,5 cm de largura e 17 cm de altura. O período da edição ocorreu entre 1810 e 1811 em Guadalajara e foi coordenado pelo Pe. Maldonado e por José Angel de la Sierra na imprensa de José Fructoso Romero, até a derrota na batalha da *Puente de Calderón*. O jornal enfatizava a encruzilhada vivida pelo reino espanhol diante da invasão napoleônica e a necessidade de apoio popular ao movimento de Hidalgo.

Todo material impresso deveria ser supervisionado pelo Conselho das Índias devido às condições de extrema censura que se encontrava qualquer documento escrito durante a época colonial. Foi o *Despertador Americano* o primeiro periódico rebelde que surgiu no cenário político mexicano e causou uma fratura no sistema colonial ao não passar pelo controle peninsular. Tornou-se assim, um meio de comunicação direta entre os insurgentes e a opinião pública. A partir do sucesso dessa parceria entre Maldonado e Hidalgo, todos os grandes líderes da independência latino-americana passaram a utilizar o periodismo como instrumento de luta, visando uma mudança da mentalidade e inaugurando a liberdade de pensamento e expressão.

No número dois do *Despertador Americano*, Maldonado convocou os demais periodistas para se juntarem aos jornais insurgentes,

El Autor de este Periódico confiesa la debilidad de sus talentos, y no hallarse Capaz de dar á la Patria y el vér que ningun literato ha acometido hasta ahora una empresa de tan conocida necesidad, le ha hecho pasar por todas consideraçones, y dedicarse á despertar á gran parte del Pueblo Americano dormido á sus intereses implora la indulgencia del Público, y protesta ceder el campo gustoso á los Periodistas que se presentarem dignos de la Nacion, y la gran causa de su Libertad<sup>10</sup>.

Após a conquista de Oaxaca, Morelos autorizou a publicação do jornal *Correo Americano del Sur* para propagar seus avanços militares.

A edição foi feita por Carlos Maria Bustamente que também participava das publicações oficiais do *Diario del Mexico* desde 1805. Apesar de fazer parte da imprensa oficial, o editor se juntou ao exército de Morelos, em que foi encarregado da direção do jornal insurgente no sul. Nessa região, o padre estabeleceu um governo próprio para expressar as ideias dos integrantes do movimento.

No centro do país, o advogado Ignacio López Rayón também se aliou à luta e contribuiu para o avanço do movimento com o patrocínio a mais jornais: *Ilustrador Americano*, *Ilustrador Nacional* e *Semanario Patriótico Americano*. A força militar comandada por Rayón foi fundamental para a conquista de cidades nessa região. O editor de *Semanario Patriótico Americano* era Andrés Quintana Roo, um advogado e escritor perseguido pelos realistas devido seus escritos emancipacionistas. Na abertura do *Ilustrador Nacional*, o editor afirma que

La prensa se contrae por ahora á ponder en claro las relaciones interiores de la nacion. Con este objeto saldrá, desde hoy, el sabado de cada semana, nuestro ilustrador nacional, nombre que por varias consideraciones se ha tendio á bien substituir al nuestro Despertador americano. Por él sabreis á fondo las pretensiones la nacion en la actual guerra, sus motivos y circunstancias y la justicia de nuestra causa: él os instruirá del estado actual de nuestro gobierno político, militar y económico: tratara de las fuerzas de nuestros exércitos, los gefes de ellos, y sus operaciones sobre el enemigo: en contraposicion a la conducta del intruso gobierno, se darán los detalles con verdad y exactitud, se comunicaran los partes que se nos dirija, y por último sabreis los esfuerzos raros de la nacion por conseguir su libertad. Su precio sera el de un real, y a los sugatos que se subscriban se daran por tres rs. los 4 numeros de cada mes; para cuyo fin podrán ocurrir á la casa de D. Manuel Peyon contigua á la de la imprenta. Allí mismo se expanderan los exemplares del dia indicado<sup>11</sup>.

<sup>9</sup>O Pe. Francisco Maldonado integraria mais tarde a Junta de 1821 responsável por organizar o governo de Iturbide no México. O padre republicano lutava pela igualdade e pela justiça social. Sua biografia pode ser consultada no sítio: <http://www.bicentenario.gob.mx/bdb/bdbpdf/antologiaDelCentenario/Vol1/antologiaDelCentenarioVol1-maldonado.pdf> acessado em outubro de 2010.

<sup>10</sup>El despertador americano, nº 1, Guadalajara, 1810. Nt: Todos os periódicos insurgentes utilizados neste artigo estão disponíveis no sítio virtual [www.antorcha.net](http://www.antorcha.net).

<sup>11</sup>Abertura do *Ilustrador Nacional*, Sultepec, 2 de abril de 1812.

A publicação do jornal foi feita a partir dos textos que a população local levava até o editor. José Maria Cos se tornou o encarregado de escolher quais seriam as publicações de acordo com o interesse do movimento. O editor, que era doutor em Teologia, trouxe ideias libertárias para informar o desenvolvimento da guerra em *El Ilustrador Nacional*. Segundo Soto, quando faltava a letra na imprensa, ele mesmo fazia a mão os tipos de madeira inclusive elaborava a tinta necessária.

Já os últimos jornais a serem analisados, *Gazeta del Gobierno Americano*, en el Departamento del Norte (1812) e *Clamores* (1813-1814) foram feitos por simpatizantes do movimento e colaboraram para a divulgação do ideário da luta. Esses jornais foram editados por José Maria Liceaga, conhecido como um dos dragões da causa insurgente. Além de editor, lutou ao lado de Hidalgo nos combates de Monte de las Cruces e de Aculco.

No ano de 1813, Rayón e Morelos organizaram um Congresso Constituinte em Chilpancingo, no qual declararam que o objetivo principal da insurgência era a independência total da Nova Espanha, sem fazer referência ao nome de Fernando VII. Ou seja, no âmbito da luta popular, surgiu uma nova cultura política que foi determinante para a ruptura política com a Espanha. O mecanismo encontrado pelo movimento para atender a todos seus seguidores foi a formação de um governo representativo. Portanto, o Congresso organizado deveria procurar a felicidade do povo e a salvação e, com esse objetivo, a formulação da Constituição de Apatzingán foi baseada nos modelos revolucionários francês, americano e espanhol.

A imprensa na qual Morelos e Bustamante realizavam as publicações do *Correo Americano del Sur* foi transferida para Chilpancingo, sendo assim anunciando o final do jornal. Ela foi destinada às publicações das determinações do Congresso Constituinte e, portanto, se transformou num veículo oficial de propagação de ideias do novo regime político que nascia.

A falta da imprensa, em alguns momentos da luta, fazia com que as lideranças escrevessem manuscritos e pregassem nas portas das Igrejas até que pudessem imprimir-los para maior distribuição. Alguns relatos afirmam que na falta de material para

a publicação dos jornais, os rebeldes derretiam suas armas para fabricar os tipos que faltavam.

A raiz central do periodismo revolucionário independentista foi a constituição de uma fonte permanente de contato entre os ideias insurgentes e diferentes setores e atores sociais. É por sua mediação que se transmitiram códigos, representações sociais e padrões culturais aos que aspiravam construir uma nova soberania na América. Esse acesso de comunicação também permitiu a criação do espaço de luta ideológica, justificação e reivindicação da luta política em contraponto a uma imprensa oficial sujeitas a tendências comerciais e econômicas vinculados ao Vice-Rei e a estrutura de poder colonial.

Portanto, um dos recursos históricos para apreender as motivações políticas dos setores populares da Nova Espanha que participaram ativamente do movimento pela independência é a análise discursiva desses periódicos. Carregados de símbolos religiosos e de uma eloquência política ilustrada, os textos destes editores foram capazes de suprir anseios de uma população mestiça que fora excluída da prosperidade econômica da colônia.

Como observou o historiador Juan Pedro Viqueira Albán em *¿Relajados o reprimidos? Diversiones públicas y vida social en la ciudad de México durante el Siglo de las Luces*<sup>12</sup> a penetração das ciências modernas, do pensamento ilustrado, das filosofias foi sustentada, inicialmente, por um crescimento econômico devido ao aumento da produção mineradora que provocou uma mudança nos costumes no centro-sul da Nova Espanha. Contudo, por trás da fachada de ampliação da riqueza mineradora, havia uma dura realidade. As múltiplas epidemias e surtos de fome que padeceu a população nos indica que o nível de vida das classes baixas da população tendeu a diminuir. O crescimento do bandolerismo e da mendicância são sinais desse empobrecimento dos grupos sociais menos favorecidos. As crises agrícolas contribuíam para acelerar o processo de desintegração das comunidades indígenas submetidas às constantes pressões dos grandes latifúndios. Foi neste contexto que se criou o discurso ilustrado na Nova Espanha.

<sup>12</sup>VIQUEIRA ÁLBAN, Juan Pedro. *¿Relajados o reprimidos? Diversiones públicas y vida social en la ciudad de México durante el siglo de las Luces*. México: FCE, 1987.

## Os guadalupanos e o discurso ilustrado

A ilustração mexicana foi um movimento plural composto principalmente pelos padres. Nos jornais insurgentes foi comum relacionar a causa da independência com o discurso da racionalidade oriundo das luzes.

No caso do *Despertador Americano* no número sete, os leitores foram convocados a escutar a Razão que aparece nos periódicos associada à Pátria.

Americanos, Compatriotas muy amados, oid la voz de razon, escuchad los gemidos de la angustiada militante Patria, mostraos sensibles al clamor de sus justisimas quejas.

Outro termo muito recuperado é o da felicidade pública, como é possível observar na abertura do *Ilustrador Nacional* em Sultepec no dia 2 de abril de 1812

Americanos: La primera vista de estos caracteres os llena de complacencia, asegurandos en el justo concepto que habeis formado de los incesantes desvelos, y activos conatos con que la nacion se aplica infatigablemente a promover de todos modos su publica felicidad. Una imprenta fabricada por nuestras propias manos entre la agitacion y estruendo de la guerra y en um estado de movilidad, sin aritifices, sin instrumentos, y sin otras luces que las que nos han dado la reflexion y la necesidad, es un comprobante incontestable del ingenio americano siempre fecundismo en recursos e incansable en sus extraordinarios esfuerzos por sacudir el yugo deprecante y opresor.

A preocupação em conciliar o discurso ilustrado, que trazia questões sobre como aliar a nova racionalidade política com a felicidade pública, com os anseios populares traduziu um diálogo feito entre dois mundos: a população indígena e mestiça que havia sido reprimida por séculos pelos colonizadores e os padres que haviam se formado na cultura ilustrada ibero-americana do

século XVIII. As relações entre esses dois grupos foi capaz de produzir uma nova cultura política nos movimentos sociais do XIX ressaltando elementos que fossem comuns a ambos. Aqui, o papel dos mediadores culturais aparece como central para entendermos esse processo.

No caso argentino, o papel dos mediadores ilustrados nas independências hispano-americanas foi estudado por José Carlos Chiaramonte<sup>13</sup>. O historiador considera que, por um tempo, a historiografia nacional da América Latina buscou enaltecer as independências, atribuindo sua causa à Ilustração europeia (como é o caso de Sarmiento na Argentina). Para entender um pouco mais sobre esse fenômeno, Chiaramonte procurou refazer a rota do periodismo em seu país. Segundo ele, foi por meio dos jornais que apareceram as maiores expressões das luzes. De fato, se observamos os estudos de Roger Chartier<sup>14</sup>, podemos acompanhar o desenvolvimento da ilustração por meio da cultura impressa e também da formação de centros de discussões em cafés ou, como estudou Darnton<sup>15</sup>, na boemia francesa. O movimento intelectual em ambos os casos foi essencial para o crescimento e renovação da vida cultural e social. Afinal, as chamadas “luzes do século” colocaram aos interessados possibilidades de construção de uma nova sociedade que proporcionasse o bem estar geral.

Contudo, no caso específico da Hispano América, observamos que esse desenvolvimento das luzes esteve ao lado da religião. Para mencionar um exemplo citado por Chiaramonte na Argentina, em 1810, Pedro Cerviño, professor da Escola de Desenho de San Carlos, associou os estudos na natureza com o estudo da religião e da fé. Para ele,

Se algum estudo pode nos elevar para estas verdades [as da religião] é o estudo da Natureza, é o estudo desta ordem admirável que nela reina e descobre em toda parte a mão sábia e onipotente que dispôs, e que nos invocando para o conhecimento das Criaturas nos indica os grandes fins para os quais fomos colocados em meio a elas<sup>16</sup>.

<sup>13</sup>CHIARAMONTE, Jose Carlos. **Cidades, províncias, Estados**: origens da nação argentina (1800-1846) São Paulo: Hucitec, 2009.

<sup>14</sup>CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. trad. Maria Manuela Galhardo Rio de Janeiro: Bertand, 1990.

<sup>15</sup>DARNTON, Robert. **Os best-seller proibidos da França pré-revolucionária**.trad. Hidegard Feist Companhia das Letras: 1998.

<sup>16</sup>CHIARAMONTE, Jose Carlos. **Cidades, províncias, Estados**: origens da nação argentina (1800-1846). São Paulo: Hucitec, 2009 p. 54.

Outra autora que fez uma discussão interessante sobre a ilustração ibero-americana foi Beatriz Helena Domingues em *Tão Longe, Tão perto: a Ibero América e a Europa Ilustrada*<sup>17</sup>. Domingues acredita que a Ilustração do século XVIII foi plural, uma vez que, o termo mais adequado seria então ilustrações no qual a católica fizesse parte de uma de suas variantes. Tal premissa parte do livro de Pocock *The Enlightenments of Edward Gibbon*<sup>18</sup>, no qual o autor afirma que a Ilustração não pode mais ser entendida satisfatoriamente como um movimento universal unificado.

No caso da independência da Nova Espanha, a construção do discurso não esteve fundada em um único grupo de intelectuais, como o caso argentino apresentado por Chiaramonte, mas na construção desse pensamento específico por mediadores, que é típico da ilustração num momento de luta política, ou seja, no auge de uma guerra em curso pela independência.

Entre 1810 e 1814, um grupo de advogados, religiosos e indivíduos dos grupos alto e médio da população fundou uma sociedade secreta batizada pelo nome de *Los Guadalupes*. Esses intelectuais financiaram a imprensa insurgente, uma das fontes históricas centrais dessa pesquisa. Eles também traficaram armas para os revolucionários e estabeleceram uma rede de informações por meio de cartas entre os exércitos insurgentes e familiares dos combatentes. Posteriormente, *Guadalupes* participaram da Corte de Cádiz, no Triênio Liberal (1820-23), como Manuel Cortázar e José Antonio del Cristo y Conde<sup>19</sup>.

Os historiadores Ernesto de la Torre Villar e Virgínia Guedea defendem a hipótese de que todo o apoio financeiro e político para a independência partiu desse grupo de letrados, que teriam de fato um projeto de construção nacional separado da Espanha. Os *guadalupanos* eram profissionais liberais de classe média formados na Ilustração que haviam se destacado no comércio e prosperado na Cidade do México.

Contudo, como se tratava de uma sociedade secreta desenvolvida à margem da Nova

Espanha, o acesso à documentação é restrito e, por isso, seu estudo é feito a partir da sua relação com os insurgentes como podemos observar nesta carta enviada por Morelos ao grupo:

Remito la adjunta copia de los Guadalupes de México y dos impresos que empeñan más nuestras armas. Acá me quedan otros dos y el estado de fuerza de México, que es de 4000 hombres útiles y otros tantos inútiles, escrito por los mismos que vuestra señoría me remite alistados, Arce y La Llave, cuya lista Le castigo, porque los borrados no influyen y sólo son aquellos beatos que dicen: "Ea, Virgen, ¡que ganen! Veremos si se nos proporciona algo del convoy.

Van los tres nombramientos aprobados, aunque con e recelo de Vilches. Ya no es necesario el vino. Queda en mi poder el estado de artillería y noticia de esas trincheras acabadas y solo falta el estado de pólvora, que es toda nuestra escasez, porque plomo ya tenemos cerca de Tehuacán. Siento las malas cuentas del subdelegado Cuéllar<sup>20</sup>.

### Segundo Virgínia Guedea,

Neste esforço, eles ganharam o apoio de indivíduos desconectados que viviam em cidades controladas pelo regime colonial. Como resultado, os insurgentes começaram a receber mais ajuda desses grupos, como por exemplo, eles obtiveram uma imprensa que resultou na publicação de materiais explicando seus objetivos e se defendendo dos ataques feitos pelo regime oficial, que até então controlavam a mídia. Então apareceram muitos periódicos insurgentes. Profissionais como advogados que se juntaram aos insurgentes, ajudaram a formar uma organização política mais efetiva. Por outro lado, contribuiu para criar uma imagem de um movimento político organizado. (...) A sociedade secreta conhecida como os *Guadalupes*, organizou núcleos coordenando interesses

<sup>17</sup> DOMINGUES, Beatriz Helena. **Tão longe tão perto: A Ibero-América e a Europa Ilustrada**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2007.

<sup>18</sup> POCOOCK, John. **The Enlightenments of Edward Gibbon**. Cambridge University Press, 1999.

<sup>19</sup> GUEDEA, Virgínia. En busca de un gobierno alterno: los guadalupes de México. In: FRASQUET, Ivana **As Caras del águila: Del Liberalismo Gaditano a la República federal mexicana**. UNAM, México, 1992, p. 67.

<sup>20</sup> Carta de Morelos a Matamoros sobre los guadalupes y otros asuntos. 1812, 6 de outubro, Tehuacán In: HERREJÓN, Carlos. **Morelos: Antología documental**. México: Consejo Nacional de Fomento Educativo, 1985, p. 84.

dos descontentes, incluindo vários indígenas. Inicialmente formado para ajudar os insurgentes que desejavam uma forma alternativa de governo, os *Guadalupes* enviaram primeiro a Rayón e, depois, a Morelos e Mariano Matamoros, dinheiro, armas, homens e informação<sup>21</sup>.

Portanto, a maneira mais efetiva de estudar a relação entre os *Guadalupes* e a insurgência é por meio das cartas e dos periódicos citados. Entendo que esse grupo havia se formado nas ideias da Ilustração europeia e as combinou com aspectos da religiosidade popular mexicana. Assim, é muito comum observar fenômenos religiosos como utopias milenaristas serem comparados com a ignorância originada pela falta das luzes na América.

Conforme Paul Vanderwood,

Antes de tudo, a religião é dinâmica, muda todo o tempo. Florescano enfatiza que a religião que os nativos mexicanos acreditavam foi reformulada (com a ajuda dos clérigos?) durante o período colonial, e outras vezes. A função natural da religião nos faz concluir que as pessoas colonizadas reestruturaram seu sistema religioso para ajustar-se a novos problemas causados por mudanças sociais, políticas e econômicas. A nova religião pode carregar alguns fragmentos, ou até mesmo novas reformulações da antiga, mas a mudança natural da religião popular demanda que sejam estudadas as mudanças de grupos específicos em um certo lugar e tempo<sup>22</sup>.

Podemos notar na análise dos periódicos que houve uma resignificação de uma tradição indígena e não indígena para adaptar todas as camadas sociais da Nova Espanha aos novos contextos de intercomunicação cultural. Fazer referências constantes à Fernando VII e à Virgem de Guadalupe, por exemplo, é um dos recursos mais utilizados pelos editores nos periódicos e pelas lideranças em suas epístolas para conferir credibilidade ao movimento, pois tinham conexão com as representações políticas do Antigo Regime que eram saudadas pela população.

Contudo, o nome do rei cativo deixou de ser recuperado pela insurgência em 1813, quando o Congresso de Apatzingán começou a estabelecer novas discussões em torno da soberania que, a partir de então, passaria a residir no povo. Consideramos que esse momento foi crucial para o estabelecimento de novas relações políticas. A documentação deixou de citar o monarca como fonte de qualquer patriotismo e passou a buscar entre a população outros símbolos que pudessem construir a identidade mexicana.

Sempre em correspondência com os *guadalupanos*, *El Correo Americano del Sur*, editado na cidade de Oaxaca por Carlos Maria Bustamante, fez constantes alusões a existência de um novo espírito americano e associa esse espírito à possibilidade de formar uma Confederação na Nova Espanha. No número quatro do dia 18 de março de 1813, o jornal incita a população a comemorar mais seu patriotismo.

Unas nuevas que pronostican tan cercano el triunfo de nuestra santa independencia, era natural que transportasen de júbilo á este pueblo generoso enterado ya de sus verdaderos intereses, y penetrado altamente de los sentimientos bien dirigidos de religion, fidelidad y patriotismo.

Sobre a Junta de Zitácuaro, formada nesse ano, *El Correo Americano del Sur* relata que todos os vivos foram dirigidos à Guadalupe e ao novo governo. O desaparecimento completo de seu nome dos documentos é o sinal de que o movimento mudou sua concepção de soberania e a transferiu para o povo. Hidalgo e Morelos são reinterpretados nesse momento como os grandes mártires da Pátria.

Parte desse processo está relacionado com o debate que fez parte da construção de um novo governo que pudesse garantir a defesa da Religião e a felicidade pública da Pátria Americana. Nesse contexto, Fernando VII foi perdendo seu papel de soberano, enquanto os líderes políticos e religiosos ganhavam força e apoio popular. A partir de então, as referências às Luzes e à Virgem de Guadalupe aumentaram nos periódicos insurgentes.

<sup>21</sup> GUEDEA, Virginia. **The process of mexican idenpendence**. Disponível em: <http://www.historycooperative.org/journals/ahr/105.1/ah000116.html> acessado em 31/01/2008.

<sup>22</sup> VANDERWOOD, Paul J. The Millennium and Mexican Independence: Some interpretations. In: consensus. In: ARCHER, Christon I. (org). **The birth of modern Mexico, 1780-1824**. Wilmington, Delaware: A. Scchoolarly Resources Inc. Imprint, 2003, p. 171

## A proteção da Virgem

Para fazer o intercâmbio político entre os *guadalupanos* e o exército insurgente, Hidalgo outorgou a representação da Virgem de Guadalupe o título de Capitã Geral e passou a usar um grande medalhão com sua imagem no pescoço. Em março de 1813, já sob a liderança de Morelos, uma proclamação estabeleceu que todos os homens de seu Exército seriam obrigados a ter nos *sombreros* as cores da Virgem. Neste mesmo ano, em *Sentimientos de la Nación*, um documento que exprimia seu projeto político, propôs uma lei que estabelecesse o dia 12 de dezembro como dedicado à Virgem. Tal dia é guardado como feriado até a atualidade.

Contudo, a explicação para a utilização dessa imagem religiosa no movimento não é tão simples assim. O relato da aparição da Virgem auxilia na compreensão de sua importância fundamental para a história mexicana. Segundo a tradição, em 1531, o índio recém-convertido Juan Diego, ao escutar um chamado no alto de uma montanha, encontrou a aparição de uma bela senhora de voz doce que se assemelhava às imagens que ele havia visto de Maria, mãe de Jesus. Questionado por ela sobre seu destino, o índio respondeu que ia em direção aos padres católicos que o ensinavam. Ela declarou ser a Virgem Maria e pediu a ele que fundasse, naquele local, uma casa e um templo em sua homenagem, pois havia escolhido aquela terra para proteger.

Juan Diego tentou relatar o ocorrido ao bispo Juan Zumárraga duas vezes, mas como ele não acreditou, pediu que ele trouxesse uma prova. Contudo, o índio deixou de procurar a Virgem, porque seu tio estava doente. Após cuidar do doente por três dias, Juan Diego subiu novamente na montanha em busca de um remédio. Naquele instante encontrou a aparição da Virgem, que lhe disse que não havia o que temer, pois ela cuidaria de todas as pessoas daquele lugar. Depois disso, fez o índio recolher todas as flores que encontrou para entregar ao bispo e creditar sua história. Como era inverno, havia poucas flores no morro, mas a Virgem

fez brotar ali uma grande variedade de espécies para provar sua existência.

O símbolo da Virgem de Guadalupe acompanhou todo o movimento em prol da independência do México<sup>23</sup>. Pela afirmação de que teria escolhido o México para proteger, a figura da Virgem de Guadalupe atraiu as massas indígenas, milhares de trabalhadores e desempregados do campo e das minas, e padres, militares, advogados e indivíduos pertencentes aos setores médios e populares das cidades para as filas da insurgência. Todos se identificavam com a insurgência por serem católicos e *guadalupanos*. Contudo, alguns desses homens eram letrados, e, assim como Hidalgo, haviam se formado nas ideias da Ilustração, portanto trazendo elementos novos ao movimento.

Conforme *El Despertador Americano*, a luta de Hidalgo era carregada por uma missão religiosa que pretendia salvar os americanos de qualquer atrocidade.

Americanos, tantos huerfanos, tantas vindas, tantos padres desolados, tantas madres afligidas á quienes no ha quedado otro apoyo que el de la providencia, tanto asesinatos cometidos á sangre fria y con el aparato más atróz en fin tanta sangre americana derramada ¿no clama al Cielo por venganza?, con tanta ó mas justicia que la de Abél atentidad la santidad de la causa, que ha constituido á nuestros hermanos unos verdaderos Mártires de la Religión, y de la Pátria. (...) Columoa inexpunable del Pueblo Americano, esforeado candillo de los hijos de María de Guadalupe, magnánimo Hidalgo, hasta ahora nada ha podido desviaros de la ruta que os trazó la sabiduría, nada ha sido capáz de trastornar vuestros designios, y debilitar vuestra constancia<sup>24</sup>.

Em outro exemplar do mesmo periódico, José Bonaparte foi intitulado o verdadeiro inimigo dessa guerra empreendida pelos curas ilustrados:

Añaden que heregía, é independencia en nuestra presente situacion, son dos ideas

<sup>23</sup>Sobre a simbologia histórica dos estandartes, a historiadora Marta Terán afirma que “A composição iconográfica atende aos sentimentos religiosos de lealdade e patriotismo compartilhados por toda a população. As vivas eram dadas à Virgem de Guadalupe (por sua imagem), ao cativo de Napoleão, o rei Fernando (por suas armas) e ao México (por seu antigo escudo fundacional).” TERÁN, Marta. Banderas de la independencia con imágenes marianas: las de San Miguel El Grande, Guanajuato, de 1810. In: FRASQUET, Ivana (coord). **Bastillas, cetros y blasones: La independencia em iberoamerica**, p. 240.

<sup>24</sup>El despertador americano, nº 7. Guadalajara 17 de janeiro de 1811.

tan inconexas, y distintas una de otra, como el cielo de la tierra: y que es menester padecer un trastorno de cabeza bien extraño, para decir, que es error pertinaz contra la feé el tomar las armas para cumplir el juramento de vencer, ó morir, antes que sugetarse al usurpador Josef Napoleon, y a los Guachupines que pretenden entregarnos á aquel Rey intruso. Valientes Americanos, muy desesperada debe ser la causa de los Gachupines, quando todo lo profanan, y hacen el mas sacrílego abuso de la Religion para pervertiros y alucionaros. Sirvaos de norte, y de preservativo el exemplo del Clero Secular y Regular Americano, y sobre todo el de vuestros Curas que han sido y son los Apóstolos, y Soldados de la Santa Independencia. Que no se perciba ya mas que un solo voto entre nosotros, una voz, un eco, y sea el de morir, ó vivir libres de los Napoleones<sup>25</sup>.

Jacques Lafaye, em *Quetzalcoatl Y Guadalupe: la formacion de la conciencia nacional en Mexico*, analisou a presença da religião<sup>26</sup> como sendo uma continuidade no processo de formação da consciência nacional mexicana. Pois, a identidade mexicana, para o autor, foi construída a partir da junção do ideário mítico indígena representado por Quetzacoátl e da fé cristã consagrada com a aparição da Virgem de Guadalupe. Enquanto os indígenas conservaram sua antiga religião no nível ritualístico e adotaram, ao mesmo tempo, novos símbolos cristãos, o cristianismo também se viu contaminado, sobretudo em sua moral. A fé religiosa e a fé nacional deveriam ser correspondentes e complementares, mas para que houvesse uma aproximação efetiva do mundo mítico indígena com o cristão, era necessário que o catolicismo se “mexicanizasse”. Para o autor, um novo espírito milenarista foi absorvido pela Igreja Católica e, assim se criou uma visão messiânica da Conquista e da Independência.

De acordo com o historiador, esse período de formação identitária teria se formado anteriormente, em 1767, com a expulsão dos jesuítas da Nova Espanha, considerados os

guardiões da fé do povo mexicano. E, para ele, o evento criou um vazio espiritual e intelectual que se espalhou por toda a colônia. Por tal motivo, o movimento de independência se constituiu a partir da legitimação da soberania popular concedida aos indígenas pelos párocos ilustrados e ao lugar central dado ao patrimônio religioso no centro político das decisões da nova nação. Tal análise evidencia uma hipótese otimista de Lafaye que não reconhece a exclusão social promovida pelos governos do século XIX no tocante às terras indígenas.

Nos discursos políticos de Morelos, podemos analisar que o padre buscou relacionar os eventos da guerra de independência com referências bíblicas e com o passado indígena. Para Lafaye, essa foi uma tentativa de elevar os fatos a um acontecimento comandado pelas mãos de Deus, o que configurou uma “guerra santa” semelhante ao Apocalipse.

Outro autor que tratou do movimento de independência por esse mesmo prisma foi Enrique Florescano<sup>27</sup>. Em sua análise sobre o período da independência, o historiador relatou as diferenças entre as aspirações de uma elite *criolla* e as das massas indígenas. O primeiro grupo, almejando alcançar um Estado Nacional; o segundo, retornar a um estado pré-colombiano e ambos motivados por uma “guerra santa”.

De acordo com o autor, a construção do Estado Nacional pelos *criollos* passava pela afirmação de uma identidade religiosa expressa pelo símbolo da Guadalupe. Já os indígenas e as massas populares, estavam embebidos num furor religioso que os convencera de que eram eles os defensores da religião ameaçada pelos *guachupines*. Além disso, os dois lados classificaram seus inimigos como hereges ou partidários do Satanás e a maior punição de Hidalgo foi a excomunhão. Para Florescano, os atores do movimento

defendiam a religião católica e a Santíssima Virgem de Guadalupe, desejavam a instauração de um novo reino, mas no sentido religioso, e queriam continuar sendo indígenas, homens integrados nas tradições igualitárias e solidárias de suas comunidades<sup>28</sup>.

<sup>25</sup>El despertador americano. Nº 6 Guadalajara - 10 de janeiro de 1811.

<sup>26</sup>LAFAYE, Jacques. *Quetzalcátl y Guadalupe: la formación de la conciencia nacional en México*. Abismo de conceptos. Identidad, nación, mexicano. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

<sup>27</sup>FLORESCANO, Enrique. *Memoria Mexicana*. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

Acredito que o movimento de independência não pode ser classificado apenas como uma “guerra santa”. Pois a luta pela liberdade política e a participação popular na construção de um Estado moderno passou também por discussões como o fim da escravidão e da cobrança de tributos por castas<sup>29</sup>. É necessário frisar que a presença da religiosidade na luta política foi fundamental para seus avanços, inclusive esteve presente no primeiro capítulo da *Constituição de Apatzingán*<sup>30</sup>. Mas a noção de soberania popular presente nos capítulos subsequentes nos revela que havia princípios liberais na sua composição que derivavam de uma ilustração específica da Nova Espanha.

A identidade nacional no processo de independência não estava, contudo, acabada. A utilização do apelo popular, por meio dos elementos religiosos, nem sempre implicava a construção de uma nação. Apenas após a morte de Hidalgo, em 1811, é que Morelos começou a delinear um projeto que contemplasse a população e, ainda assim, os documentos revelam que o termo mais correto para definir ideologicamente o movimento é a mudança na concepção de soberania que passou a desafiar a autoridade monárquica a partir de 1813 sem esquecer das menções e vivas à Virgem de Guadalupe como se pode observar na documentação.

## Conclusão

A formação do movimento popular pela independência do México foi um momento crucial na formação de uma estrutura política de luta armada entre a população. A liderança de Hidalgo e de Morelos mais do que coordenar exércitos insurgentes, foi capaz de promover a identificação dessa parcela excluída do sistema socioeconômico colonial com a ambição de um grupo ilustrado de conduzir a formação de um novo governo político na Nova Espanha.

Atrelada aos periódicos insurgentes – inaugurados neste contexto como instrumento de luta social na América Latina – a mexicanização promovida pelo movimento de Hidalgo garantiu

aos seus sucessores os instrumentos necessários para a formação da nacionalidade no país após a independência oficial em 1821. A utilização dos símbolos religiosos amalgamados de uma tradição católica e indígena formou uma nova identidade cultural de ação política vinculada a um sistema de anseio por transformações sociais reivindicadas até a atualidade.

Artigo recebido em 24/02/2011

Artigo aceito em 31/05/2011

<sup>28</sup>FLORESCANO, Enrique. **Memoria Mexicana**. México: Fondo de Cultura Económica, 2000, p. 513.

<sup>29</sup>Decreto contra la esclavitud, las gabelas y el papel sellado (Miguel Hidalgo) está disponível no sítio <http://www.cervantesvirtual.com>, acessado em 23/11/09.

<sup>30</sup>“**Artículo 1º**. - La religión católica apostólica romana es la única que se debe profesar en el Estado.” A *Constitucion de Apatzingán* está disponível no sítio <http://www.cervantesvirtual.com>, acessado em 23/11/09.